

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

15631 - Resumo Expandido - Trabalho em Andamento - XV Reunião ANPEd Sul (2024)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 24 - GE Educação e Povos Indígenas

PROCESSO DE NOMEAÇÃO ENTRE OS MBYÁ – GUARANI: ENTRE O SAGRADO, A FAMÍLIA E O COTIDIANO

Amanda Mendonça Rodrigues - PUC-RS - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

**PROCESSO DE NOMEAÇÃO ENTRE OS MBYÁ – GUARANI: ENTRE O SAGRADO, A FAMÍLIA E O COTIDIANO**

**RESUMO:** O presente trabalho consiste em uma reflexão que parte de um recorte da pesquisa para a dissertação de mestrado que está em andamento. O tema da pesquisa é a pedagogia própria dos Mbyá-Guarani. Essa breve reflexão procura articular uma vivência do período de campo exploratório com as perspectivas de dois autores que dedicaram suas etnografias a vivências com os guarani. A metodologia escolhida para a pesquisa é a etnografia por proporcionar um contato de perto e de dentro com as pedagogias próprias deste grupo. Como resultado, podemos nos aproximar da compreensão de como um povo lida com as suas cosmologias, em especial as que envolvem a escolha do nome, em um mundo cosmo-fóbico.

**PALAVRAS-CHAVE:** Mbyá-Guarani. Processos Próprios. Nomeação.

O presente trabalho corresponde a um capítulo do meu projeto de dissertação que está em andamento. A pesquisa visa compreender de que forma a população Mbyá - guarani de Porto Alegre, de uma determinada comunidade, ensina de uma geração à outra. Partindo do entendimento dado pela Constituição de 1988, artigo 210, parágrafo 2º que resguarda o direito de os povos indígenas utilizarem suas línguas maternas e seus próprios processos de aprendizagem, o propósito do trabalho em andamento é o de reconhecer e valorizar as formas próprias de visão de mundo, de educação e de relação com as cosmologias dos sujeitos guarani. Neste trabalho será abordado o processo de nomeação, importante aspecto cosmológico entre os Mbyá, tendo como referência empírica trechos do meu diário de campo exploratório em diálogo com outras pesquisas feitas com o mesmo povo.

Tendo em vista o processo de apagamento histórico e colonizador que as comunidades indígenas do Brasil e do restante da América Latina passaram e, podemos dizer que passam até hoje, pesquisas interessadas na presença indígena nas tomadas de decisões que os afetam diretamente, nas universidades e nos cargos políticos e de lideranças, se tornam fundamentais e necessárias para a construção de políticas públicas que garantam que o direito aos processos próprios de aprendizagem seja efetivamente respeitado. Os trabalhos de Medaets (2011) e Tassinari (2015) mostram que diferentes comunidades (ribeirinhas - compostas por quilombolas, indígenas e “misturados” nas próprias definições dos sujeitos da

comunidade - e faxinalenses) apresentam formas próprias de transmissão de conhecimentos para as gerações mais novas, o que evidencia uma diversidade de processos que acontecem dentro do território brasileiro.

Como principal fonte de produção de dados, e por corresponder ao meu ethos pesquisadora, realizo pesquisa etnográfica a fim de compreender os processos próprios de aprendizagem dos Mbyá-Guarani. Conforme Creswell (2014) essa metodologia permite compreender as ideias e crenças de um grupo que podem ser expressas por meio da linguagem ou atividades materiais.

O tema trabalhado neste texto surgiu a partir das leituras de autores que tiveram o processo de nomeação como uma das unidades de sentido das suas pesquisas que envolveram os guarani, especialmente os trabalhos de Catafesto (2010) e Pissolato (2007). Além deles, trechos da obra literária de Kaká Werá Jekupé, indígena do povo Tapuia e acolhido pela comunidade guarani, também serão utilizados com a finalidade de costurar as ideias e ilustrar o pensamento próprio que este povo mantém vivo até o dia de hoje, apesar de gigantes atrocidades. A cena que será trazida a seguir foi vivida durante o período exploratório da pesquisa de campo quando me aproximava dos sujeitos guarani e conhecia mais sobre a comunidade, a fim de compreender e perceber se seria viável, partindo dos vínculos e aceitação, circular neste lugar como pesquisadora.

A escolha do nome de uma criança é motivo de pesquisas a respeito do seu significado e envolvem tendências, desejos e memórias dos sujeitos que lhe darão de presente este nome. O nome em si, carrega um sentido de identidade que permite a nós mesmos encontrarmos um espaço atuante na família e no mundo.

Segundo Catafesto (2010), a partir do trabalho de Castro (1999), o processo de nomeação não pode ser reduzido a acontecimentos casuais. Pode-se pensar as atribuições dos nomes como estratégias relacionadas a crenças, tendências, como formas de entender o que está no âmbito do indivíduo e sociedade. Pensando neste trecho do trabalho de Catafesto me recordo de uma passagem do meu Diário de Campo exploratório:

No intervalo das aulas na escola que se encontra dentro da aldeia, é servido um lanche preparado pelos docentes, em função de estarem sem a merendeira responsável. Enquanto nos deslocamos para o refeitório, pergunto para Rosane, mulher estudante da turma de Ensino Fundamental 2, qual era o nome da sua filha, um bebê de pouco mais de 4 meses. Ela hesitou um pouco e riu, de forma um pouco constrangida. Entendi que esse não era um assunto qual eu deveria transitar naquele momento. Dias depois, meu principal interlocutor, filho do cacique, de forma discreta, me chamou e disse: ela ainda é muito pequena para ter um nome. Talvez, no verão, a Cunhã possa dizer. (Diário de Campo Exploratório – março de 2024)

Percebi que aquele não era um assunto em que gostariam de comentar naquele momento. Além disso, estávamos no meio da aula de Arte e Cultura Guarani, ministrada pelos professores e filhos do cacique. Essa situação vem ao encontro da ideia que Pissolato nos

convida a ter sobre a pesquisa com os Guarani quando nos conta que o etnólogo Curt Unkel Nimuendaju sentou-se junto ao fogo com os Mbyá “para escutar suas palavras fundamentais, não reduziu o Guarani, mas deixou-se reduzir por ele” (Pissolato, 2007, p. 17). Ou seja, é necessário compreender que não devemos falar sobre os Guarani, mas deixar que eles nos falem sobre eles.

Para o povo guarani, o processo de nomeação passa por diferentes agentes e comporta um ritual específico: o Nhemongaraí. Segundo Catafesto (2010), conforme a cosmologia guarani, as crianças nascem com o espírito fraco e, quando completam 1 ano de idade, podem receber um nome. Através desse ritual, o Karaí ou a Cunhã Karaí (líderes espirituais), revelam o nome da criança. Porém esse processo não está somente nas mãos destes líderes, mas sim de um complexo que envolve **Karaí, família e cotidiano**. O autor prossegue dizendo que a função do Karaí é a de circular entre os dois mundos, o profano e o sagrado, podendo escutar o nome dado pelas divindades às crianças. A família tem a função de observar o pequeno curumim ou cunhã no seu cotidiano, tentando reconhecer certas marcas de sua personalidade, a fim de que o nome possa abranger também este comportamento. Ou seja, diferentes saberes se entrelaçam em um único sentido que é o de nomear um sujeito.

Através dessa passagem percebi que os guarani têm o cotidiano como um fator importante da vida social, o levando em consideração na escolha do nome de uma criança. Podemos elaborar que, através da importância que o cotidiano tem para esse povo, ele se torna formador de características e personalidade da pessoa guarani.

Esse ritual cuidadoso e complexo, pode ser explicado através da cosmologia em que o primeiro nome de um sujeito Guarani é “de origem divina, é a palavra-alma, já a extensão é escolha humana” (Catafesto, 2010, p. 70). Além desses dois nomes, ainda é atribuído um nome juruá, pela necessidade de acesso às políticas públicas. Esse “nome de branco”, segundo Assis (2006) era inicialmente atribuído para as relações com os não indígenas, quase que somente restrito aos homens, hoje se tornou uma prática comum em que a própria pessoa pode fazer essa escolha e depende de seu gosto pessoal. Em outros casos, é definido pelos pais para que a criança possa ter acesso aos benefícios do Estado em que a documentação é indispensável.

Kaká Werá Jekupé em seu livro *Todas as vezes que dissemos adeus* ou *Oré awé roiru'a ma* traz uma passagem sobre o sagrado que envolve a nomeação para os Guarani:

Por esta respiração sagrada o ‘espírito – nomeado’ contempla seu último desdobrar, indobrando-se na Terra virando semente, depois é que a pequena mãe terrena concebe o corpo do nome da barriga. Quando Pai e Mãe abraçam o abraço de criar. Quando dois viram um. No abraço do ‘fogo-amor’, recomeça a magia do desdobrar da semente: vira música, vira dança, vira voo e passa a caminhar pelo chão da vida terrena [...] Teu nome nandeva, tua alma-palavra... é...

Pôs a mão na minha cabeça, soprou a fumaça do petengúá, derramou água com sagradas ervas...

- Werá Jekupé. – Arrepiei-me.

A pesquisa com/no/do cotidiano pode ser marcada por inúmeros atravessamentos. Compreender a forma como um povo enxerga e lida com o cotidiano pode ser considerado um privilégio dentro do campo da pesquisa. Garantir o reconhecimento do direito aos processos próprios de aprendizagem e atuação no mundo é fundamental para que essas cosmologias não se percam.

## REFERÊNCIAS

CRESWELL, John W. **Investigação Qualitativa e Projeto de Pesquisa: Escolhendo entre Cinco Abordagens**. Penso Editora, 2014.

DOS SANTOS, Antônio Bispo; PEREIRA, Santídio. **A terra dá, a terra quer**. Ubu Editora, 2023.

JECUPÉ, Kaka Werá. Oré awé roiru'a ma: Todas as vezes que dissemos adeus. **(No Title)**, 1995.

MEDAETS, Chantal. Você garante?. **Reflexões sobre as práticas de transmissão e aprendizagem no Baixo Tapajós, Amazônia brasileira**, 2011.

PISSOLATO, Elizabeth. **A duração da pessoa: mobilidade, parentesco e xamanismo mbya (guarani)**. Unesp, 2007.

SOUZA, Luiz Antonio Catafesto de. **Crianças Mbyá-Guarani: práticas educativas & tecnologias de produção da pessoa. 2010. 136f.** 2010. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado em Educação)– Universidade Luterana do Brasil, Canoas.

TASSINARI, Antonella. Produzindo corpos ativos: a aprendizagem de crianças indígenas e agricultoras através da participação nas atividades produtivas familiares. **Horizontes Antropológicos**, v. 21, p. 141-172, 2015.